

NOMES EM –NTE: RECATEGORIZAÇÃO DO PARTICÍPIO PRESENTE E FLUIDEZ CATEGORIAL**NOUNS IN –NTE: RECATEGORIZATION OF PRESENT PARTICIPLE AND CATEGORICAL FLUIDITY**

Fernando da Silva Cordeiro¹
Edvaldo Balduino Bispo²

RESUMO: Analisamos, neste artigo, o uso de nomes em *-nte*, instâncias da construção $[[X]_V -nte]_N$, cuja origem é o participípio presente latino. Objetivamos discutir a recategorização do participípio presente em nome e a flutuação categorial que os nomes em *-nte* apresentam entre as categorias de substantivo e de adjetivo, considerando propriedades formais e funcionais desses nomes bem como motivações e mecanismos envolvidos nesses processos. Fundamentamo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, com suporte quantitativo, e descritivo-explicativa quanto a seus objetivos. Os dados são oriundos de amostras do português escrito entre os séculos XIII e XX, o que evidencia o viés diacrônico da pesquisa. A recategorização do participípio presente foi um processo de mudança multidirecional que se deu ainda no latim possivelmente pela perda de traços da categoria de participípio, pela mudança de paradigma do sufixo *-nte* e pela exaptação do participípio presente. A flutuação categorial exibida entre os nomes em *-nte* é motivada pela contiguidade entre as categorias de substantivo e de adjetivo. A neanálise é o principal mecanismo de mudança envolvido nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Nomes em *-nte*. Recategorização. Flutuação categorial. Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT: In this paper, we analyze the use of nouns in *-nte*, instances of the $[[X]_V -nte]_N$ construction, whose origin is the Latin present participle. We aim to discuss the recategorization of the present participle in noun and the categorial fluctuation that nouns in *-nte* exhibit between the categories of noun and adjective, taking in account formal and functional properties of these nouns, as well as the motivations and the mechanisms involved in those processes. The theoretical support is the Usage-based Functional Linguistics (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013). Methodologically, it is a descriptive, explanatory and qualitative research, with quantitative support. The data come from samples of Portuguese written between the 13th and 20th centuries, which highlights the diachronic bias of the research. The recategorization of the present participle was a process of multidirectional change that took place while still in Latin, possibly through the loss of features of the participle category, the paradigm shift of the suffix *-nte* and the exaptation of the present participle. The categorial fluctuation exhibited among *-nte* nouns is motivated by the contiguity between the noun and adjective categories. Neoanalysis is the main mechanism of change involved in that process.

KEYWORDS: Nouns in *-nte*. Recategorization. Categorial fluctuation. Usage-based Functional Linguistics.

1 Introdução

Os nomes em *-nte* são palavras do português formadas pela junção do sufixo *-nte* a uma base verbal, constituindo um padrão de formação de adjetivos e de substantivos, representado pelo esquema $[[X]_V -nte]_N$. As amostras de *ardente* e *ignorante*, em (1) e (2), respectivamente,

¹ Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: fernando.cordeiro@ufersa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6940-1994>.

² Professor Associado do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Líder do grupo Discurso & Gramática (D&G), seção Natal. E-mail: edvaldo.bispo@ufrn.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5607-3407>.

ilustram o uso desses nomes. O sufixo *-nte* representa, nessa forma linguística, um resquício do particípio presente, uma das formas nominais do paradigma verbal do latim.

- (1) E, asy como a cousa acesa e **ardente** faz derreter a cera e resolver, bem asy a alma deuota, tangida pello falamento ardente da espiração de dentro, logo se derrete e resolve em dulçura do seu amado Jhesu Christo. (CIPM, Séc. XV)
- (2) Mas é antigo certame da República festejar ou sentir todos de uma maneira, o benefício e a injúria dos maiores. Porque são infinitos os **ignorantes** que vivem com o juízo alheio. (CHPTB, Séc. XVII)

O particípio presente constituía o paradigma flexional dos verbos, sendo comumente utilizado para expressar traços circunstanciais do sujeito em sentenças cujo verbo principal estava na voz ativa (BRANDÃO, 1933 *apud* GONÇALVES, 2001). Com base nos gramáticos latinos Besselaar (1960) e Almeida (1992), temos que o particípio presente demarcava simultaneidade de uma ação em relação a um evento expresso pelo verbo principal da sentença. Ocorrências do particípio presente, retiradas de Oliveira e Oliveira (2009), são apresentadas em (3) e (4).

- (3) Sed non parum, febre **redeunte**, ita ut mori timerem, aggravatus fui.

(porém, voltando a febre, eu fiquei tão mal que acreditei que iria morrer)

- (4) Ex quo cognitum habui, **cogitans** atque **recogitans** quo quidem spiritu conceperis, facile iudicare non audeo.

(desde que fiquei a par desse teu desejo, pensando e repensando qual o motivo que te move, não me atrevi a julgá-lo precipitadamente)

Ainda no latim, o particípio presente já apresentava funções diversas: segundo Marinho (2009), esse particípio aparecia com funções de adjetivo, oração adjetiva, advérbio, oração adverbial e substantivo. Vemos, assim, que o particípio presente já ocupava uma posição fronteira entre verbo e nome e sua recategorização em adjetivos e em substantivos é citada por autores como Campos (1966), Gonçalves (2001), Oliveira e Oliveira (2009), Santos (2009), Dias (2014) e Gonçalves e Tavares da Silva (2020). Nesse sentido, o sufixo *-nte* passou a ser reconhecido como um sufixo derivacional, que atua na formação de novos itens lexicais, e o particípio presente perdeu características verbais, como a manifestação de tempo concomitante, veiculação de aspecto e obrigatoriedade de regência.

A investigação dos usos das palavras em *-nte* mostra que as funções atualmente desempenhadas por essa forma se afastam daquelas exibidas pelo particípio presente no latim, o que sinaliza um processo de mudança linguística pela recategorização do particípio em nome. Interessa-nos, então, analisar fatores formais e funcionais que possibilitaram essa trajetória, considerando as funções a que servem os nomes em *-nte* em seus usos atuais.

Na esteira de trabalhos como Cordeiro (2017, 2021), Cordeiro e Bispo (2017), Bispo e Cordeiro (2020), Cordeiro, Bispo e Lucena (2021), defendemos que o padrão formal $[[X]_V - nte]_N$ (doravante X-nte) constitui uma *construção*, isto é, uma associação convencionalizada entre algum elemento formal e algum significado, alguma função pragmática ou alguma estrutura informacional (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). A caracterização da construção em análise evidencia e reforça a tese de que o particípio presente, em suas funções prototípicas, não existe mais no português.

Também observamos, com base nos trabalhos anteriormente citados, que os nomes em *-nte* situam-se numa fronteira tênue entre as categorias de substantivo e de adjetivo. Não raro, um mesmo item lexical é usado como adjetivo em um contexto e, em outro, como substantivo,

em um movimento de flutuação categorial favorecido por aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos.

As ocorrências em (5) e (6) explicitam os usos a que nos referimos. Comparando os dois casos, a palavra *inconveniente* exerce papéis diferentes na sentença. No primeiro caso, trata-se de um adjetivo que qualifica o referente de *ela*, o que fica claro pelo paralelismo com outro qualificador, o adjetivo *impossível*. Já no segundo caso, *inconveniente* tem sentido equivalente a *problemas*, *danos* e, sintaticamente, funciona como núcleo do Sintagma Nominal, ao qual se adjungem o advérbio *mui* e o adjetivo *custosos*.

- (5) Bem quisera o Rei e ministros castelhanos se achassem suas armas em tal estado que de súbito se convertessem contra Portugal; bem julgavam utilíssima a presteza, mas ela não lhe era menos impossível que **inconveniente**. (CHPTB, Séc. XVII)
- (6) Donde procedeu que os conselheiros, penetrando o desgosto de El-Rei, sempre serviam sem gosto que foi causa de mui custosos **inconvenientes**. (CHPTB, Séc. XVII)

Nesse sentido, temos como objetivo geral discutir o uso de palavras em *-nte*, focalizando a passagem de participio a nome e a flutuação categorial observada nesses usos. Em termos específicos, pretendemos: (i) descrever propriedades formais e funcionais dos nomes em *-nte*, considerando os contextos em que ocorrem; e (ii) analisar motivações e mecanismos implicados na recategorização do participio presente em nome e na flutuação que os nomes em *-nte* apresentam entre as categorias de substantivo e de adjetivo.

O arcabouço teórico-metodológico utilizado é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme caracterizado por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) e Bispo e Lopes (2022). Trata-se de vertente de estudos linguísticos que defende a correlação entre forma e função das estruturas linguísticas; a maleabilidade das línguas e sua suscetibilidade a pressões internas e externas ao sistema linguístico; e a emergência de padrões gramaticais relativamente estáveis, conforme assumido em Givón (1979, 1995); Hopper (1987); Hopper e Traugott (2003); Bybee (1985, 2010); Martelotta (2011). A LFCU também se orienta por pressupostos cognitivistas ao reconhecer a estreita integração entre língua(gem) e processos cognitivos de domínio geral, interessando-nos captar, nos usos linguísticos, como se dá a organização da nossa experiência em estruturas conceptuais, como a língua(gem) reflete tais padrões da experiência e como os processos cognitivos atuam na codificação linguística.

Em termos metodológicos, esta pesquisa situa-se no paradigma qualitativo e orienta-se por objetivos de natureza descritivo-explicativa. Ressaltamos seu caráter empírico, por priorizar dados da língua efetivamente em uso, coletados de produções textuais de falantes em situações reais de interação. Os dados foram extraídos de textos escritos em português entre os séculos XIII e XX. Serviram-nos de fonte três *corpora* distintos: o *Corpus* Informatizado do Português Medieval (CIPM), o *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe – CHPTB (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017) e o *Corpus* História do Português Brasileiro – CHPB (BARBOSA, 2010).

O artigo está organizado em seis seções. Na primeira delas, a introdutória, fazemos a delimitação do tema, a apresentação dos objetivos e uma breve exposição dos aspectos teórico-metodológicos. Na seção seguinte, dedicada à fundamentação teórica, explicitamos as premissas da LFCU e caracterizamos os conceitos operacionais utilizados na análise dos dados. A terceira seção volta-se aos aspectos metodológicos. Nas duas seções seguintes, procedemos à discussão dos dados. As considerações finais fecham o artigo.

2 Linguística Funcional Centrada no Uso

O aporte teórico aqui utilizado assume a estreita relação entre conteúdo e expressão (GIVÓN, 1984, 2001). Defende que a codificação linguística é sensível a pressões internas e, sobretudo, externas à língua, amoldando-se a contingências das trocas interacionais. Nessa direção, os padrões gramaticais emergem, variam e se modificam em decorrência do uso que deles é feito em situações reais de comunicação. A gramática de uma língua natural resulta, portanto, da ritualização de rotinas interacionais convencionalizadas a partir das experiências humanas com a língua em situações reais de comunicação e consiste no conjunto de padrões regulares e de outros em processo de regularização, devido a pressões cognitivas e comunicativas (BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013).

Nesse contexto teórico, a língua é tomada como uma estrutura fluida, maleável, um sistema adaptativo complexo (DU BOIS, 1985; BYBEE, 2010), suscetível a necessidades do uso. Trata-se de um sistema dinâmico que surge da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos de comunicação específicos e se desenvolve com base na repetição desses eventos. Da maleabilidade da língua decorrem a gradiência entre as categorias, associada à variação, e a gradualidade, ligada à mudança a que os sistemas linguísticos estão sujeitos.

Desse modo, a gradiência se refere ao fato de que muitas categorias da língua (e da gramática) não podem ser facilmente distinguidas devido à variação que há entre unidades de uma mesma categoria (em diferentes níveis). Deve-se também à mudança que ocorre ao longo do tempo, de modo gradual, em pequenos passos, movendo um elemento em um contínuo de uma categoria à outra (FURTADO DA CUNHA; BISPO, no prelo).

Para a LFCU, a categorização é um processo cognitivo básico e de domínio geral (LAKOFF, 1987; BYBEE, 2010) que implica agrupar entidades (objetos, ideias, ações etc.) por afinidade, similitude. Entendemos o mundo não apenas em termos de coisas individuais, mas também em termos de categorias de coisas. A organização de nossas experiências com o mundo em categorias conceituais se dá de modo contínuo, pelo processo constante de assimilação dos atributos de uma dada entidade com as categorias conceituais de que já dispomos, de redefinição e/ou criação de novas categorias.

Cada categoria é conceitualizada em termos do representante prototípico, aquele que reúne os traços recorrentes de que se compõe essa categoria (TAYLOR, 1995). Segundo Givón (1995), as categorias distribuem-se em um *continuum*, em que alguns elementos se localizam mais nos polos da escala, com propriedades conceituais mais ou menos bem definidas, e outros se situam em instâncias intermediárias, por compartilharem características de uma e de outra categoria. Consideremos, a título de ilustração, a identificação de *homem*, *gato*, *golfinho* e *morcego* como pertencentes à categoria *mamíferos*: os dois primeiros são facilmente caracterizados, dado que exibem propriedades marcantes da categoria (morfologia e hábitos); os dois últimos, contudo, são elementos mais marginais, em razão de apresentarem características que, normalmente, não são relacionadas aos mamíferos, tais como possuir nadadeiras e viver na água (*golfinho*) ou ter asas e voar (*morcego*). Da mesma forma, também reconhecemos que as categorias linguísticas são fluidas e suas fronteiras não são rigidamente delimitadas. Com efeito, um membro de uma categoria linguística pode transitar entre categorias contíguas, a depender da forma como seus traços se manifestam numa dada situação de uso efetivo, caso que se dá entre substantivo e adjetivo, conforme discutimos na seção 5.

Associados à categorização, atuam outros processos cognitivos, a exemplo das projeções conceituais, metafóricas e metonímicas, as quais desempenham papel crucial na expansão semântica de padrões linguísticos. Para os propósitos deste artigo, focalizaremos a metonímia.

Para Lakoff e Turner (1989), a metonímia constitui um mapeamento por meio do qual se consegue chegar a uma entidade conceitual com base em outra de mesmo domínio, via

contiguidade. As relações de contiguidade em que se baseiam os vários tipos de metonímia são diversas, incluindo não apenas o sentido espacial, mas também o temporal, o causal, o conceptual. São tradicionalmente designadas por “continente pelo conteúdo”, “causa pelo efeito”, “instrumento pelo agente que o utiliza ou pela atividade com ele praticada”, “matéria pelo objeto de que é feita”, “parte pelo todo” etc. e o inverso de algumas dessas relações. Esses e outros tipos resultam, por vezes, de relações de contiguidade entre esquemas imagéticos, como, por exemplo, “parte-todo”, “percurso-lugar”, “origem-percurso-destino” (SILVA, 1997, p. 76).

Estreitamente relacionada à metonímia está a neoanálise. Trata-se de um processo de reinterpretação de uma estrutura morfossintática à qual se atribui um novo uso e/ou um novo significado (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BISPO; SANTOS, 2019). É o que ocorre, conforme exemplificam Alonso e Fumaux (2019) e Bispo (2020), com a expressão *um monte de X*, em que *monte* perde o valor referencial e passa a designar quantidade: *um monte de Portugal*, segmentável como [UM MONTE] + [DE PORTUGAL], com referência a um acidente geográfico português; *um monte de atividades*, cuja segmentação é reinterpretada como [UM MONTE DE] + [ATIVIDADES], designando *muitas atividades*.

Outro conceito teórico aqui considerado é a *construção*, entendida como um pareamento de forma e função com significado próprio, esquemático, parcialmente independente dos itens que a constituem, servindo, pois, como um esquema ou modelo que reúne o que é comum a um conjunto de elementos da mesma natureza (GOLDBERG, 1995; FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2019). Trata-se de uma generalização com base em instâncias de uso da língua em ambiente sócio-histórico e cultural específico. É o caso de $[[X]_v -nte]_N$, foco deste artigo, que consiste em um padrão de formação de nomes (adjetivos e substantivos) a partir de bases verbais: *atendente*, *pedinte*, *seguinte* etc.

Para Croft (2001, p. 19), em uma construção, as dimensões da forma e da função estão interligadas por elo de correspondência simbólica³. O polo da forma diz respeito a propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; o polo da função, por sua vez, compreende propriedades semânticas, pragmáticas e/ou discursivo-funcionais relacionadas a uma determinada configuração estrutural. A função inclui as particularidades da situação descrita no enunciado, seu contexto de produção, os parceiros da interação, relações inferenciais de toda sorte, negociação de sentidos etc.

Segundo alguns construcionistas, a exemplo de Goldberg (2006), a construção varia em extensão, indo do morfema (*-re*, desinência do futuro do presente do indicativo, por exemplo) ao texto (o slogan *Tomou Doril, a dor sumiu*), incluindo vocábulo (*luz*), sintagmas (*pé de cabra*), orações simples (*Com mudanças climáticas, tubarões se afastam de áreas de proteção no Atlântico*⁴) e estruturas oracionais complexas (*Terceira dose da vacina produz células adaptadas para combater a Ômicron*⁵).

Os conceitos operacionais apresentados (categorização, metonímia, neoanálise) e a noção de construção são mobilizados na análise de ocorrências de nomes em *-nte*, a fim de discutir a recategorização do particípio presente e a flutuação categorial entre substantivo e adjetivo, conforme defendido neste artigo.

3 Metodologia

A pesquisa aqui reportada orienta-se tanto pelo raciocínio indutivo quanto dedutivo, em um movimento denominado abdução por Givón (1995). A abordagem ao fenômeno sob exame é eminentemente qualitativa, embora também contemplemos aspectos quantitativos

³ Para mais discussão acerca da relação forma-função nas construções, ver Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016).

⁴ Costa (2022).

⁵ Garattoni (2022).

(MINAYO, 2001; SILVA, 2004). O caráter qualitativo relaciona-se à análise e à interpretação das propriedades do objeto de estudo, de aspectos funcionais implicados nas instâncias de uso e nos processos de recategorização e de flutuação categorial aqui focalizados. O viés quantitativo deve-se à natureza mensurável dos construtos identificados em termos de sua sistematização numérica e de sua distribuição por categoria gramatical.

Considerando os objetivos propostos, a pesquisa é descritivo-explicativa (MINAYO, 2001; SILVA; MENEZES, 2005). Interessa-nos caracterizar o fenômeno em estudo e explicitar motivações e mecanismos que contingenciam sua ocorrência. Como mencionado anteriormente, o caráter empírico deste estudo é fundamental, pois a análise de amostras da língua efetivamente em uso é uma premissa central das pesquisas funcionalistas. Acrescentamos a isso o caráter amostral e bibliográfico da pesquisa, devido ao levantamento de dados realizado e ao uso de um amplo referencial teórico que nos orienta.

O material empírico provém de três fontes: *Corpus* Informatizado do Português Medieval (CIPM), do qual foram coletadas as ocorrências relativas aos séculos XIII ao XV; *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe (CHPTB), de onde foram extraídos os dados referentes aos séculos XVI e XVII; e *Corpus* Para a História do Português Brasileiro (CHPB), com os construtos dos séculos XVIII ao XX. As amostras do CIPM e do TYCHO BRAHE utilizadas foram compiladas por Oliveira (2016); e a do PHPB foi coligida por Cordeiro (2021), com base nas seções da Bahia, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte.

A amostra utilizada de cada banco de dados compõe-se de, aproximadamente, 100 mil palavras por século. Para a compilação do material de análise, tomamos como parâmetro: i) a equalização do volume textual por sincronia (século, no caso), por meio da quantidade de palavras (100 mil); ii) a garantia da maior diversidade de configurações textuais disponível em cada amostra organizada. Assim, pudemos verificar a ocorrência do fenômeno investigado na língua escrita, sem o risco de enviesamento dos resultados.

Com o levantamento de dados, foram identificadas 3909 ocorrências de nomes deverbais em *-nte*. Esses dados foram organizados em termos de *token* (cada ocorrência de nome em *-nte*) e em termos de *type* (cada tipo distinto de nome: *seguinte*, *ardente*, *andante* etc.), e agrupados segundo a categoria que tais nomes instanciam (substantivo ou adjetivo). A Tabela 1 sintetiza, quantitativamente, esses dados.

Tabela 1 - Frequências *token* e *type*⁶ de nomes em *-nte* no *corpus* por categoria gramatical

	Frequência Token		Frequência Type	
	N	(%)	N	(%)
Substantivo	1268	32,42	134	32,21
Adjetivo	2641	67,58	282	67,79
TOTAL	3909	100	416	100

Fonte: Adaptado de Cordeiro (2021, p. 113).

⁶ Na Linguística Funcional Centrada no Uso, trabalhamos com dois tipos de frequência: frequência *token* e frequência *type*. A frequência *token* é a frequência de ocorrência, isto é, o número de vezes que um dado item aparece no *corpus*. Já a frequência *type*, ou frequência de tipo, diz respeito ao número de itens diferentes que aparecem no *corpus* analisado.

Conforme podemos observar, os dados relativos à frequência *token* exibem a larga preferência de uso dos nomes em *-nte* como adjetivos. Com base em Cordeiro (2021), creditamos esse resultado à proximidade entre as categorias de particípio e de adjetivo, de modo que nomes em *-nte* figurem mais no papel de adjetivo do que no papel de substantivo.

Os quantitativos relativos à frequência *type* vão na mesma direção e comprovam a produtividade dos adjetivos em relação aos substantivos. A leitura que fazemos é de que o aumento da frequência de uso (frequência *token*) tem possibilitado o aumento da frequência de tipo, havendo, portanto, uma forte correlação entre a frequência *token* e a frequência *type*. Dito de outro modo, a recorrência de itens licenciados pela construção pode atuar como catalisadora da emergência de novos tipos (novos nomes em *-nte*).

Reforçamos a natureza qualitativa desta pesquisa, destacando que a quantificação tem papel subsidiário na análise. Sendo assim, os quantitativos serão mobilizados como suporte à discussão acerca da recategorização do particípio em nome e da flutuação categorial de deverbais em *-nte*.

4 Recategorização do particípio presente

Ao analisar a recategorização do particípio presente em nome, assumimos com Cordeiro (2017) que o particípio presente, em suas funções prototípicas, não existe mais no português. Os dados desta pesquisa mostram que não se verificam usos de deverbais em *-nte* com valor de particípio, mesmo nas sincronias mais remotas. Essa constatação vai de encontro à hipótese inicial de Cordeiro (2021) de que, no português arcaico, formas participais em *-nte* ainda ocorreriam.

As instâncias de uso da construção em estudo, em sua maioria, não exibem traços categoriais prototípicos do particípio presente, a saber: a ideia de simultaneidade entre duas ações; a orientação para a voz ativa; e a herança da valência da raiz verbal. Nomes em *-nte* semanticamente expressam eventos com relativa estabilidade temporal, que não necessariamente ocorrem simultaneamente a outro; os verbos que servem de base não são agentivos, na maioria dos casos; e, por fim, a expressão (ou não) de complementos nominais está condicionada a fatores discursivo-pragmáticos. Vejamos os dados em (7) e (8).

- (7) E pellas orelhas, assi como em ouvir de boa ment(e) as va~as palavras do mundo e os **maldizent[e]s** e louvaminheir(os) e mentidores e enguanador[e]s, e out(r)as palav(r)as çujas e sandias. Sam Bernardo diz: "Eu nom sei quem peca mais, ou aquelle que diz mall d'outrem, ou aquelle que de boa voontade o escuita; que, se nom fossem os que escuitam, nom averia hi **maldizent[e]s**". Por isto deve homem mostrar que lhe nom praz. (CIPM, Séc. XV)
- (8) A São Paulo não lhe buliu na emulação do ardente zelo, mas deu-lhe novo objecto, transferindo-a, das tradições paternas para o Evangelho do Reino, e da conservação da Sinagoga para a propagação da Igreja. E à Madalena, deixando-lhe as finezas de **amante** primorosa, deu casto e digno emprego às suas lágrimas e cabelos, aos seus ósculos e aromas. (CHPTB, Séc. XVII)

O construto *maldizentes*, em (7), designa pessoas mentirosas e enganadoras, que costumeiramente falam mal de outras. Não se observam características típicas de particípio nesse nome: o ato de *maldizer*, a que se liga o conteúdo do substantivo, não é simultâneo ao estado de coisas aventado pelo falante (não existência de ouvintes/interlocutores), mas tomado como perene; o substantivo não acompanha a transitividade do verbo *maldizer*, de modo que não demanda complemento. As características de particípio também não são vistas no uso de

amante, em (8). O substantivo apresenta obsolescência do valor aspectual comitativo, baixa agentividade e ausência de complementação, a despeito da transitividade de sua base verbal.

Os usos de adjetivos em *-nte* apresentam características semelhantes às que vimos discutindo. Analisando a ocorrência em (9), por exemplo, vemos que *correspondente* qualifica *oficiais* e a ele não se aplica a simultaneidade entre eventos, dada a atemporalidade do conteúdo por ele veiculado; o verbo de que deriva, de natureza relacional, possui baixa transitividade. Além disso, o adjetivo não é transparente quanto à moldura sintático-semântica de sua base, pois não demanda complemento no contexto em que ocorre. O caso de *desgastante*, em (10), é parecido. Embora o verbo que lhe serve de base envolva mais dinamicidade, o adjetivo não apresenta concomitância temporal e não herda a moldura sintático-semântica da base verbal.

- (9) . a maior parte daquela Comunidade ultimamente resistiu não só às ordens dos seus superiores, mas até às do mesmo Senhor, que é servido mande Vossa Excelência embarcar para aquela vila a este fim no dia primeiro do corrente [[do corrente]] uma companhia com 50 infantes escolhidos, e os oficiais **correspondentes** (CHPTB, Séc. XVII)
- (10) Os cruzamentos com a | Avenida Rodrigues Alves, na direção do Centro | para Niterói, os subúrbios da Zona Norte e a | Baixada Fluminense, viram um campo de batalha, | onde triunfam os mais fortes (e mais pesados), | tornando a volta para casa uma rotina **desgastante** e perigosa. (CPHPB, Séc. XX)

Por outro lado, nossa visão é a de que as categorias linguísticas, assim como as categorias conceptuais, são fluidas e seus limites não são rigidamente estabelecidos. Isso implica assumir que as diferentes categorias são definidas mediante efeitos de prototipicidade, conforme postulam Taylor (1995), Lakoff e Johnson (1999) e Bybee (2010). A despeito de não encontrarmos usos prototípicos do participio presente no português, há construtos de nomes em *-nte* que parecem conservar alguns traços categoriais de participio, conforme podemos observar em (11) e (12), com dados do português antigo e medieval.

- (11) Sabham todos q(ue) eu. dona. Esteue~yna p(ri)oressa. do mosteyro dachellas. eu M(aria). sauascha(e)z. sop(ri)oressa d(e)se logo e~senbra co~no co~ue~to dese logo. **e~tendentes [entendentes]** (e) co~sijrantes/?/. a ffaz(er) prol do d(i)to mosteyro damos (e) outorgamos. a uos ff(e)rna~ do(mingu)iz (CIPM, Séc. XIII)
- (12) E chamuscaro~lhe a barba co~ fogo d' enxuffre. Depoys que el rey tomou Tariffa e tornado pera Castela, lejunjeyros e **maldize~tes [maldizentes]** que nu~ca faleçe~ açerca do rey fezero~ entender a el rey que o iffante queria fazer algu~uas revoltas no reyno. El rey, segundo parece, home~ no~ be~ constante, foy sobre o iffante. (CIPM, Séc. XIV)
- (13) Os cavaleiros preguntaram o escudeiro: – U e' ta senhora? – Em esta fonte jaz, disse ele. A a'gua e' tam **fervente** que a nom posso sacar. (CIPM, Séc. XV)

A ocorrência de *entendente* em (11) dá-se em função de outra cena: à medida em que se considera *entendente* da situação, há um evento em desenvolvimento – a outorga de poderes a outrem. Nesse caso, vemos simultaneidade entre uma situação e um evento, uma propriedade semântica do participio presente. O substantivo *maldizente*, em (12), faz alusão a um grupo de pessoas que, naquele momento, teciam críticas às ordens do rei e agiam em oposição a ele, ou seja, também está envolvida concomitância temporal entre dois eventos. Em (13), o adjetivo *fervente* qualifica o estado da água quando alguém tenta tocá-la; em outras palavras, *fervente* expressa o curso de uma ação que se dá como circunstância de outra.

Esses dados mostram que as categorias não envolvem somente membros que possuem os traços mais recorrentes, já que há usos de substantivos e de adjetivos com a presença de características participais e usos em que essas características não se verificam. A depender dos

contextos em que ocorrem, nomes em *-nte* podem aproximar-se de uma ou de outra categoria conforme o que é tomado como protótipo. Destacamos, assim, o caráter radial das categorias.

Muito importante também é reconhecer que as categorias vão se definindo de forma gradiente. À medida que os itens linguísticos são postos em uso, propriedades de uma categoria podem dar lugar a características de uma categoria distinta de tal modo que elementos de uma mesma categoria podem compartilhar apenas a semelhança formal. Ainda assim, quando consideramos toda a cadeia, observamos a semelhança de família e as pequenas similaridades e diferenças que vão constituindo as categorias e distinguindo-as.

Apesar de alguns dados de sincronias mais remotas do português mostrarem a presença de traços do particípio presente, é fato que as formas em *-nte* são reconhecidas como adjetivos e substantivos, não mais como uma forma verbo-nominal (particípio). Esses achados corroboram pesquisas como as de Gonçalves (2001), Oliveira e Oliveira (2009) e Dias (2014). Assim, defendemos que a recategorização do particípio presente ocorreu em estágios anteriores da língua portuguesa, talvez mesmo no latim.

Outros fatores formais e funcionais podem ter contribuído para o processo de recategorização do particípio presente. Gonçalves e Tavares da Silva (2020) citam a mudança de paradigma do sufixo *-nte*, que deixou de ser um morfema flexional para exercer papel de sufixo derivacional. Segundo os autores, o *-nte* apresentou perdas no que se refere a voz e aspecto, passou a se opor a outros sufixos da mesma natureza, começou a servir à criação de novos itens lexicais e tornou-se veículo de polissemia e expressividade. Ponto fulcral da análise dos autores é justamente a extrapolação dos limites categoriais das formações em *-nte*, uma vez que a afixação desse morfema a uma base verbal levou a formações lexicais de outra classe.

Oliveira e Oliveira (2009) apontam a relação entre particípio presente e outra forma verbo-nominal, o gerúndio, como essencial para compreender a mudança categorial do particípio. Conforme as autoras, o particípio presente deu lugar ao gerúndio como forma preferencial para a expressão de valor comitativo no português. Desse modo, o gerúndio passou a ser a forma prototípica entre as formas verbo-nominais, ao passo que o particípio presente se lexicalizou em adjetivo e em substantivo.

Devemos considerar, portanto, a exaptação do particípio presente como uma motivação funcional para sua recategorização. O conceito de *exaptação* diz respeito às mudanças que construções apresentam por consequência da sua marginalização nas funções em que comumente figuravam (NORDE; TROUSDALE, 2016). Ao longo do tempo, o uso do particípio presente como forma comitativa tornou-se mais limitado, o que deixou essa categoria mais suscetível à mudança e ao desenvolvimento de novas funções.

Cumpramos sublinhar a multidirecionalidade da trajetória de mudança do particípio presente às categorias nominais. Não foi possível constatar um *cline* bem definido entre as categorias de particípio, adjetivo e substantivo, como era de se esperar, uma vez que as formas em *-nte* apresentam usos já bem estabelecidos como nomes desde o século XIII. A esse respeito, Bybee (2020) assevera que é difícil determinar a direcionalidade da mudança lexical devido aos usos criativos da língua por parte dos falantes.

Diante das evidências apontadas, argumentamos que o mecanismo responsável pelo processo de mudança do particípio presente é a neoanálise (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Trata-se do caso de nova interpretação de uma forma já existente na língua, a partir da sucessão gradual de pequenas reconfigurações morfossintáticas, semânticas e pragmáticas. Em linhas gerais, o particípio presente passou a figurar em contextos morfossintáticos que desfavoreceram suas propriedades verbais, perdeu traços semânticos comuns a verbos, foi substituído por outra forma (gerúndio) em suas funções prototípicas e, assim, foi reinterpretado como um adjetivo e, em outra medida, como um substantivo. Essa reinterpretação ocorre também em termos cognitivos, já que os falantes passam a enxergar as formas em *-nte* como

parte de uma categoria distinta e a promover usos cada vez mais frequentes dessas palavras como nomes.

5 Fluidez categorial no uso de nomes em *-nte*

Focalizamos, nesta subseção, a análise da relação entre as categorias de adjetivo e de substantivo, nas quais se acomodam as formas em *-nte* aqui analisadas. Cordeiro (2021) identificou, em todos os séculos considerados, usos de nomes em *-nte* nessas duas categorias, identificando um acréscimo expressivo de ocorrências desses nomes principalmente entre os séculos XV e XIX, conforme verificamos nos quantitativos da Tabela 2, que traz a distribuição, por século, das instâncias da construção *X-nte* em termos de frequências *token* (TK) e *type* (TP).

Tabela 2 - Frequências *token* e *type* por categoria gramatical e por sincronia

	XIII		XIV		XV		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX	
	TK	TP	TK	TP	TK	TP	TK	TP	TK	TP	TK	TP	TK	TP	TK	TP
Subst.	73	6	120	5	130	21	134	44	202	43	201	27	259	53	148	48
Adj.	148	11	64	10	339	41	322	47	564	103	421	85	562	138	222	86
TOTAL	221	17	184	15	469	62	456	91	766	146	622	112	821	191	370	134

Fonte: Adaptado de Cordeiro (2021, p. 114-115).

Os dados mostram que, em termos percentuais, o aumento foi maior entre substantivos (100%) que entre adjetivos (66%): de 130 (século XV) para 259 (século XIX); de 339 (século XV) para 562 (século XIX), respectivamente. Identificamos, a partir desses números, uma tendência crescente de instâncias de uso da construção, nas diferentes sincronias do português, intensificada a partir do século XV. Ao mesmo tempo em que a construção foi recrutada mais vezes, foi utilizado um número cada vez maior de formações nominais (nomes em *-nte*) por ela licenciadas.

A recategorização do participio presente em adjetivo, conforme discutido na subseção anterior, explica a maior frequência *token* dessa categoria nos deverbais em *-nte*. Já o maior acréscimo percentual observado entre os substantivos ao longo das sincronias indicia que a construção apresentou aumento de vinculação com essa categoria lexical. Apoiados em Santos (2009) e Dias (2014) e acompanhando Cordeiro (2021), defendemos que o uso das formas em *-nte* como adjetivo ou como substantivo dá-se pela contiguidade entre essas categorias e que essa flutuação categorial é de natureza metonímica.

A linha ténue que separa substantivos e adjetivos já foi explicitada por Givón (1979) ao considerar que características (adjetivos) de maior estabilidade temporal podem se lexicalizar ainda mais, funcionando como nomes (substantivos). No caso particular dos nomes em *-nte*, a possibilidade de intercâmbio entre as categorias foi aventada por Votre (2006), o qual pontua que alguns adjetivos em *-nte* assumem e incorporam os traços de substantivos. Segundo o autor,

considera-se natural a dificuldade de estabelecer limites, nítidos, ou mesmo difusos, entre as categorias verbo, adjetivo ou substantivo, em contextos normais de uso. É possível, mesmo, que coincidam e convivam, com

diferentes graus de domínio, traços das três categorias em certas construções. (VOTRE, 2006, p. 146-147)

Sustentamos que as projeções metonímicas são cruciais para a flutuação categorial, pois a relação que possibilita um adjetivo ser usado como substantivo é a mesma que se vê no par contíguo *parte/todo*. Isso porque uma característica de determinada entidade (codificada por adjetivo) é tomada para representar essa entidade (representada por substantivo). Vejamos o caso de *andante* nas ocorrências de (14) a (18).

- (14) E aveo lhes assi, per bo~a cavalaria e per sua bo~a vida, que foram companheiros da Tavola Redonda e eram preçados dos cavaleiros sobre todos os cavaleiros da casa de rei Artur. E pola bondade destes que eram **andantes** era o linhagem de rei Bam nomeado assi como vos eu digo. (CIPM, Séc. XV)
- (15) Mas quando sentiu a estamemha que o cavaleiro vestia – ca sem estamemha nunca ele era, noite nem dia – ela foi tam espantada, que disse logo: – Ai, cativa, que e’ esto que vejo? Nom e’ ele cavaleiro dos **cavaleiros andantes**, que dizem que sam namorados, [...] (CIPM, Séc. XV)
- (16) Quando os cavaleiros passavam per ante a abadia, saiu u~u~ frade a eles que lhe disse: – Senhores, [sodes] **cavaleiros andantes**? (CIPM, Séc. XV)
- (17) Depo’ s esto, disse Estor: – Dom Galvam, vo’ s andastes ataa ora soo e eu outrossi e nom acha’ mos rem. Ora andemos de consu~u~ e veeremos se seremos milhores **andantes**. (CIPM, Séc. XV)
- (18) – Dona, disse el, assi como aos outros **cavaleiros andantes**, aas vezes bem e aas vezes mal, assi como as aventuras e andanças nos veem. – Sobrinho, disse ela, Nosso Senhor por sua piedade vos faça melhor **andante** ca foi vosso padre nem ca vossos irma~os, que morreram a gram coita e a gram marteiro. (CIPM, Séc. XV)

Essas ocorrências foram extraídas da obra *Demanda do Santo Graal*, um relato das aventuras dos lendários cavaleiros da Távola Redonda, súditos do Rei Arthur. Em (14), homens que servem à casa do Rei Arthur são identificados como cavaleiros e descritos como *andantes* (adjetivo, nesse caso), provavelmente por consequência de suas funções.

Ser *andante* é percebido como característica diferencial de determinados membros da cavalaria do Rei Arthur. Por isso, o adjetivo *andante* integra-se ao substantivo *cavaleiros* de tal forma que passa a constituir com ele uma construção referencial, frequentemente utilizada no contexto para aludir a um grupo específico de cavaleiros da Távola Redonda. É o que se dá em (15) e (16), em que os locutores utilizam *cavaleiros andantes* como uma expressão referencial. Nesses usos, percebemos que a designação do grupo apenas como cavaleiros não é suficiente para representá-los, daí o adjetivo ser recrutado pelo locutor para, de forma mais expressiva, referir-se à entidade codificada.

Na amostra em (17), flagramos o uso de *andantes*, sozinho, como elemento referencial (substantivo, portanto), que retoma a categoria de *cavaleiros*. Vemos, nessa ocorrência, que o falante espera ser “melhor andante” ou, em outras palavras, um representante melhor da categoria dos cavaleiros andantes, da qual já faz parte. A ocorrência em (18), por sua vez, opõe os dois usos de *andante* identificados. Em um primeiro momento, a construção referencial *cavaleiros andantes* é usada para denotar o grupo de cavaleiros; em seguida, o mesmo falante emprega *andante* não como modificador, mas como referente daquele grupo de cavaleiros. Tanto em (17) quanto em (18) percebemos que a entidade referenciada – os cavaleiros – é tomada e compreendida por sua característica mais proeminente – *andantes*, o que revela uma motivação metonímica para o emprego do adjetivo como substantivo.

Vejamos, ainda, o uso de *residentes* em (19) e (20). Quando empregado como adjetivo, conforme em (19), tem valor tipológico e integra uma construção referencial junto ao substantivo *médicos*. *Médicos residentes*, expressão tomada como um todo referencial, designa a categoria de médicos já formados que estão em especialização, etapa conhecida no campo da saúde como *residência*.

- (19) Orgulho Perdido: Os chamados **médicos-residentes** entram em greve | por aumento das bolsas, como se de salário se tratasse. (CHPB, Séc. XX)
- (20) Os **residentes** | têm dois anos, além do curso de cinco, para adquirir | aquela especialização. Mais das vezes uma superespecialização, nada tendo a ver com o mercado. (CHPB, Séc. XX)

É muito comum o emprego de *residentes* para designar profissionais da medicina em processo de especialização, sem que a palavra esteja modificando o substantivo *médicos*, assim como vemos em (20). Nessa ocorrência, o item *residentes* incorpora o sentido do substantivo que antes modificava, ou seja, designa o referente de *médicos residentes*. Mais uma vez, o adjetivo é empregado como substantivo à medida em que a característica do referente por ele denotada (parte) é expressiva o suficiente para identificar a entidade referida (todo). A adjacência sintática e a contiguidade conceitual entre *médico* e *residente*, aliadas ao contexto sociocultural em que esses elementos coocorrem, possibilitam o emprego do segundo para designar o conteúdo do bloco formado por nome-modificador. Desse modo, destacamos a importância dos *links* metonímicos que existem nas instâncias de uso da construção [X-nte], possibilitando não somente a extensão de sentidos de um constructo em particular (*andantes*, *residentes* etc.) mas a expansão de seus contextos de uso, já que, como mostram os dados, é por um mapeamento metonímico que adjetivos podem ser usados pelos falantes/escreventes com função referencial (como substantivo, no caso).

Dall’Orto, Durço e Lacerda (2020) chamam de metonimização o processo pelo qual uma expressão designa entidade contígua em um contexto de uso e explicitam, como parte dessa expansão de usos, fortalecimento pragmático, aumento de informatividade e de expressividade. Esse fenômeno está diretamente ligado ao mecanismo de neoanálise. Assim como vimos na trajetória *participio > nome*, instâncias de deverbais em *-nte* entre as categorias de adjetivos e de substantivos implicam novos padrões de uso da construção, mediante fatores formais e funcionais, como o fortalecimento do amálgama sintático entre referente e modificador, a ponto de constituírem um bloco de forma e função, até que o modificador incorpore a semântica do elemento modificado e passe a designar metonimicamente todo o conjunto.

Assim, nas duas situações ilustradas, com *andantes* (17-18) e com *residentes* (20), esses elementos são reinterpretados (neoanalisados), passando, sozinhos, a atuar com valor referencial. *Andantes* designa um conjunto específico de cavaleiros; *residentes*, um grupo de graduados em medicina em processo especialização. Essa neoanálise é subsidiada, conforme mencionamos, por fatores estruturais, cognitivos e socioculturais.

6 Considerações finais

À luz de recente tendência de estudos funcionalistas, a LFCU, analisamos usos de substantivos e de adjetivos em *-nte*, instâncias da construção [[X]_v -nte]_N. Considerando que esse padrão de formação de palavras tem raiz no participípio presente latino, discutimos a passagem dessa forma da categoria de participípio para as categorias nominais de adjetivo e de substantivo. Também focalizamos a flutuação categorial que os deverbais em *-nte* exibem entre adjetivo e substantivo. Contemplamos, ainda, motivações e mecanismos envolvidos nesses dois

fenômenos. Os dados de língua em uso tomados para análise provieram de textos escritos em português, entre os séculos XIII e XX.

Assumimos que o particípio presente não existe mais no português e que os itens formados pelo padrão X-nte foram recategorizados como nome. Evidências dessa recategorização são a perda de propriedades participiais pelas palavras em *-nte*, a saída desse sufixo do paradigma flexional para o paradigma derivacional e a exaptação do particípio presente. Destacamos a multidirecionalidade desse processo de mudança, já que não foi possível identificar, nos dados analisados, uma trajetória unidirecional entre as categorias de particípio, de adjetivo e de substantivo.

No que diz respeito à flutuação categorial dos nomes em *-nte*, vimos que ela se deve à contiguidade entre adjetivo e substantivo, ou seja, envolve um mapeamento metonímico. Os dados mostram que o adjetivo adjunto se relaciona de tal maneira com o substantivo a que se vincula que passa a compor com ele um todo de forma e sentido. Depois, esse adjetivo expande sua semântica e expressividade, passando a ser usado no lugar do substantivo para designar a entidade referenciada. Trata-se de um caso de metonimização.

Seja no caso da recategorização do particípio presente, seja no caso da flutuação categorial adjetivo-substantivo, defendemos que o mecanismo responsável é a neanálise. As sucessivas reinterpretações por que passam os nomes em *-nte* culminam em rearranjos morfossintáticos, semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos diferentes, levando o falante/escrevente a promover usos de tais nomes em contextos cada vez mais diversificados.

Referências

- ALMEIDA, N. M. **Gramática latina**. 24. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 1992.
- ALONSO, K. S. B.; FUMAUX, N. C. A. Um monte de mudanças nessa construção: sintaxe e semântica do quantificador um monte de no português. **LaborHistórico**, v. 5, n. 1, p. 119-141, 2019.
- BISPO, E. B. Quem cala consente: abordagem funcional-construcionista de relativas sem antecedente introduzidas por ‘quem’. **Gragoatá**, Niterói, v. 25, n. 52, p. 601-626, 2020.
- BISPO, E. B.; SANTOS, L. T. Fatores semânticos, sociointeracionais e cognitivos da construção modalizadora com ‘ficar de + infinitivo’. **Odisseia**, v. 4, n. especial, p. 111-131, 2019.
- BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. S. A construção de sentidos no uso de adjetivos em *-nte*: uma abordagem funcional-cognitiva. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista - BA, v. 18, n. 1, p. 85-104, 2020.
- BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. **Odisseia**, Natal-RN, v. 7, n. esp., p. i-x, 2022.
- BRANDÃO, C. **O particípio presente e o gerúndio em português**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1933.
- CORDEIRO, F. S. **Construção nominalizadora de particípio presente**: uma abordagem funcional centrada no uso. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- CORDEIRO, F. S. **Nomes em -nte sob o viés diacrônico**: uma abordagem funcional centrada no uso. 2021. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.
- CORDEIRO, F. S.; BISPO, E. B. Aspectos funcionais da construção nominalizadora de particípio presente. **Revista do GELNE**, v. 19, p. 39-52, 2017.

- CORDEIRO, F. S.; BISPO, E. B.; LUCENA, N. L. Esquematicidade, produtividade e composicionalidade de nomes deverbais em *-nte*. *Letras Escreve*, Macapá, v. 11, n. 1. p. 111-125, 2021.
- BARBOSA, A. (Org). **Plataforma do Projeto para a História do Português Brasileiro** (2010). URL: <https://sites.google.com/site/corporaphpb>: Acesso em: 08 ago. 2018.
- BESSELAAR, J. V. D. **Propylaeum latinum** - Vol. I: Sintaxe latina superior. São Paulo: Herder, 1960.
- BYBEE, J. L. **Morphology**: a study of the relation between meaning and form. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- BYBEE, J. L. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. L. **Mudança Linguística**. Trad. Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CAMPOS, O. G. L. A. S. O particípio presente e o gerúndio no ANFITRIÃO de Plauto. **Revista de Letras**, São José do Rio Preto, v. 8-9, p. 175-181, 1966.
- CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. **Corpus Informatizado do Português Medieval**. Disponível em: <<https://cipm.fcsh.unl.pt/gencontent.jsp?id=4>>. Acesso em: 28 jan 2022.
- COSTA, L. Com mudanças climáticas, tubarões se afastam de áreas de proteção no Atlântico. **Superinteressante**. Seção Ciência, 14 jan. 2022. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/com-mudancas-climaticas-tubaroes-se-afastam-de-areas-de-protecao-no-atlantico/>. Acesso em: 19 jan. 2022.
- CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DALL'ORTO, L. F. M.; DURÇO, A. P. G; LACERDA, P. F. A. C. Variação e mudança linguística: evidências a partir da perspectiva da construcionalização gramatical sincrônica. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 28, p. 99-119, 2020.
- DIAS, E. F. **A evolução do particípio presente em Português**. 253f. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.
- DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (Ed). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-365.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista do GELNE**, Natal-RN, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. **Revista Solettras**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 37, p. 103-116, 2019.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Linguística Funcional Centrada no Uso: definição, objetivos e princípios gerais. In: ROSÁRIO, I. da C. **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: EDUFRO, no prelo.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2013. p. 13-39.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista Linguística**, v. Espec., p. 55-67, 2016.
- GALVES, C.; ANDRADE, A. L.; FARIA, P. **Corpus Histórico do Português Tycho Brahe**. 2017. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/psd.zip>>. Acesso em: 28 jan 2022.
- GARATTONI, B. Terceira dose da vacina produz células adaptadas para combater a Ômicron. **Superinteressante**. Seção Saúde, 14 jan. 2022. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/coluna/bruno-garattoni/terceira-dose-da-vacina-produz-celulas-adaptadas-para-combater-omicron/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. I. New York: Academic Press, 1984.

GIVÓN, T. **Funcionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. **Sintaxe: an introduction**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GONÇALVES, C. A. V. Formações X-NTE da flexão em latim à derivação em português. **Anais do V Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Cadernos do CNFL. Série V. n. 06. 2001.

GONÇALVES, C. A. V.; TAVARES DA SILVA, J. C. Sobre o estatuto de -nte: evidência de um continuum flexão-derivação para a mudança morfológica do latim ao português. **LABORHISTÓRICO**, v. 6, p. 57-83, 2020.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: **Berkeley Linguistics Society**. v. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. **Language**. v. 56, p. 251-299, 1980.

HOPPER, P. J.; TRAUOGOTT, E. C. **Gramaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Originally presented as the author thesis (Ph.D.). California: University of California, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago/London: UCP, 1989.

MARINHO, M. A. F. **Do Latim ao Português: percurso histórico dos sufixos -dor e -nte**. 210f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MARTELOTTA, M. **Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. Petrópolis: Vozes, 2001.

NORDE, M.; TROUSDALE, G. Exaptation from the perspective of construction morphology. In: NORDE, M.; VAN DE VELDE, F. (Ed.). **Exaptation and Language Change**. Current Issues in Linguistic Theory. Amsterdam: John Benjamins, 2016, p. 163-195.

OLIVEIRA, J. O. N.; OLIVEIRA, M. R. O particípio presente em cartas de Bernardo de Claraval: mudança e conservação na língua portuguesa. **Confluência**. Revista do Instituto de Língua Portuguesa. N 35/36 2º semestre de 2008/1º semestre de 2009. Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, N. F. **O desenvolvimento de verbos volitivos na língua portuguesa**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SANTOS, A. M. T. A rede de construções agentivas deverbais X-NTE. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. **Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009, p. 229-257.

SILVA, A. S. da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**. Braga: Faculdade de Filosofia da UCB, p. 59-101, 1997.

- SILVA, C. R. de O. **Metodologia e organização do projeto de pesquisa** (Guia prático). Fortaleza-CE: Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, 2004.
- SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.
- TAYLOR, J. R. **Linguistic Categorization**. Prototypes in Linguistic Theory. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VOTRE, S. O princípio da extensão imagética, uma nova ótica para a estabilidade lingüística. In: GORSKI, E.; COELHO, I. (Org.). **Sociolingüística e ensino**: contribuições para a formação do professor de língua. Santa Catarina: Ed. da UFSC, 2006. p. 135-154.

Submetido em 24/02/2022

Aceito em 16/06/2022